Companhia

de

Diamantes de Angola

Noticia succinta sobre a sua constituição, concessões obtidas e trabalhos realizados em Angola

Preparada pelo
Engenheiro Leite de Castro,
Sub-Director na Séde Social

COMPANHIA

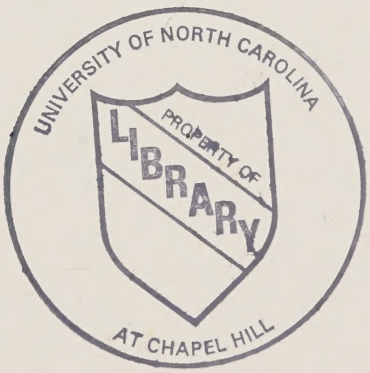
DE

DIAMANTES DE ANGOLA

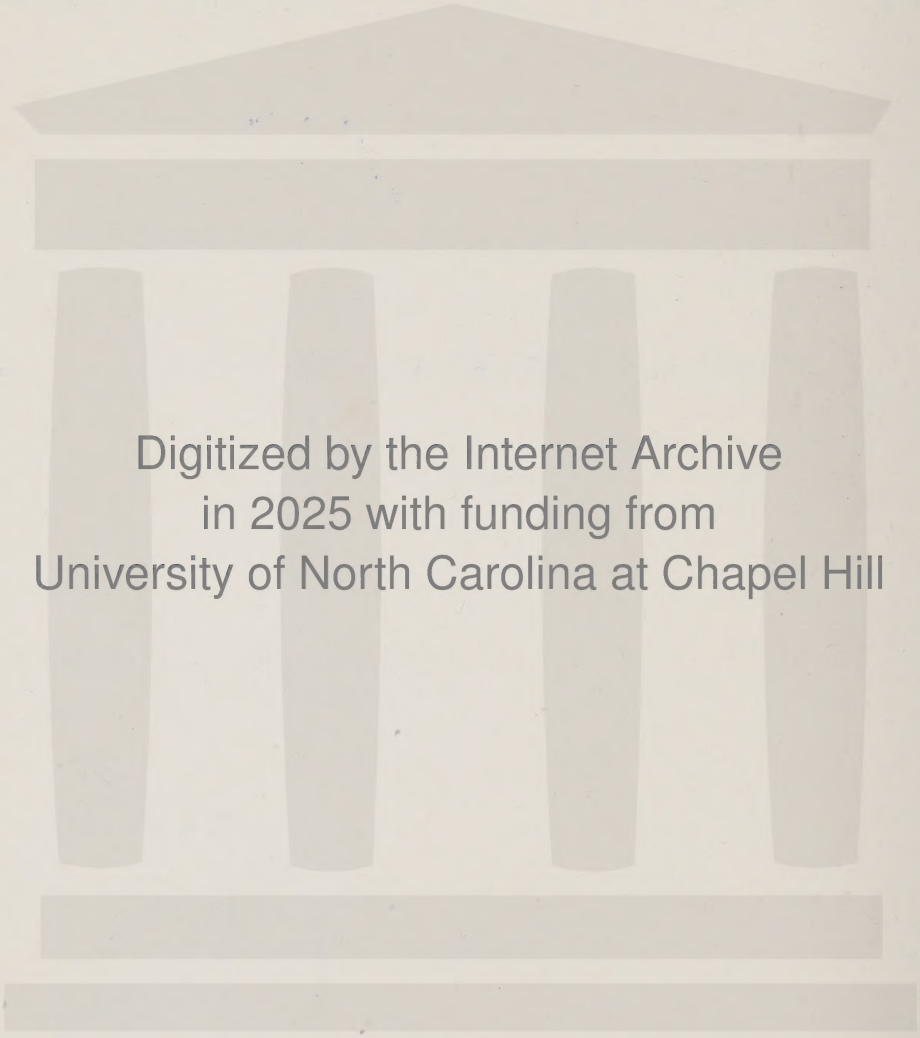
NOTICIA SUCCINTA SOBRE A SUA CONSTITUIÇÃO,
CONCESSÕES OBTIDAS
E TRABALHOS REALIZADOS EM ANGOLA.

HD 9677
.A5
C37
1929

Preparada pelo Engenheiro Leite de Castro,
Sub-Director na Séde Social.

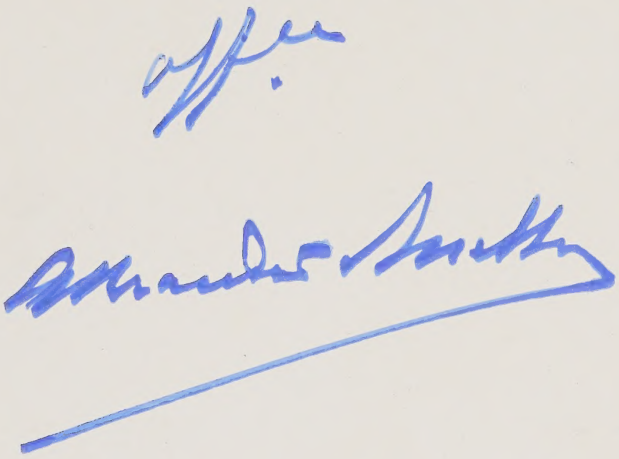


LISBOA
—
1929



Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/companhiadediama00cast



1929

BERTRAND (IRMÃOS) LTD.
Gravadores-Impressores
T. da Condessa do Rio, 27
LISBOA

INDICE

Pag.

I — Origem e constituição da Companhia de Diamantes de Angola. 3

II — Situação, extensão e natureza do campo diamantífero da Lunda. 5

III — Trabalhos mineiros realizados. Aperfeiçoamentos sucessivos nos processos de desmonte, transporte e tratamento do cascalho 7

A) — Desmonte e transporte do cascalho. 8

B) — Tratamento mecânico do cascalho 8

C) — Colheita final dos diamantes 11

D) — Desenvolvimento dos trabalhos mineiros 13

IV — Produção de diamantes da Lunda. 15

A) — Qualidade da produção 15

B) — Peso da produção 16

C) — Valôr da produção. 18

Pag.

v — Condições de exploração. Sua evolução 19

A) — Vias de comunicação 19

B) — Pessoal branco 21

C) — Mão de obra 23

D) — Alimentação indigena 27

E) — Plantações. 30

F) — Gado 32

G) — Edificações. Alojamentos para o pessoal 33

H) — Condições sanitarias 37

I) — Transportes 41

J) — Recursos florestais 45

K) — Energia hidro-electrica 45

L) — T. S. F. 46

vi — Contribuição da Companhia de Diamantes para a economia geral de Angola 49

I — Origem e constituição da Companhia de Diamantes de Angola

DATAM de 1912 as primeiras pesquisas de diamantes efectuadas em Angola.

Em consequencia das descobertas feitas no Congo Belga, pela «Société Internationale Forestière et Minière du Congo» (Forminière), em varios tributarios do rio Cassai, foi constituida, em 4 de Setembro de 1912, a Companhia de Pesquisas Mineiras de Angola (Pema), tendo por principal objectivo o de averiguar a possivel existencia de diamantes na parte desse mesmo sistema hidrografico pertencente ao territorio de Angola.

Essa Companhia teve por socios fundadores: em Portugal, o Banco Nacional Ultramarino e a firma Henry Burnay & C.ª (hoje transformada em Banco Burnay); na Belgica, a «Société Générale de Belgique» e a «Mutualité Coloniale»; em França, a «Banque de l'Union Parisienne»; e, nos Estados Unidos da America, o grupo «Ryan-Guggenheim».

As pesquisas, imediatamente iniciadas, permitiram constatar, ao cabo de poucos anos, a existencia de um rico campo diamantifero na Lunda, tendo sido então reconhecida a necessidade de crear uma filial de Pema, especialmente destinada á sua exploração.

Assim nasceu a Companhia de Diamantes de Angola (Diamang), constituida em 16 de Outubro de 1917, com o capital de Esc. ouro 90.000$00 (£ 20.000), depois elevado, por sucessivas étapes, a Esc. ouro 9.000.000$00 (£ 2.000.000), seu montante actual.

A Séde da Companhia é em Lisboa, tendo escritorios em Bruxelas, Londres e Nova York. Nela estão interessados cinco grandes grupos financeiros, de nacionalidade portuguêsa, belga, francêsa, norte-americana e inglêsa. O seu Conselho de Administração é composto, na sua maior parte, de individualidades portu-

guêsas; dêle fazem parte o Banco Nacional Ultramarino, presidente; Ernesto de Vilhena, administrador-delegado; o Banco Burnay; Jean Jadot e Emile Francqui, respectivamente governador e vice-governador da «Société Générale de Belgique»; Firmin Van Brée, administrador da Forminière e de varias outras emprêsas coloniais belgas; Salomon Barnato Joel, presidente do Sindicato de Diamantes, de Londres; Sir Ernest Oppenheimer, da «Anglo American Corporation»; Sir Edmund Davis, administrador de numerosas companhias coloniais inglêsas; representantes do grupo Ryan-Guggenheim, grandes industriais dos Estados Unidos da America; René Villars, da «Banque de l'Union Parisienne»; e outras individualidades em destaque na alta finança portuguêsa e estrangeira. O Governo de Angola está representado no Conselho por dois administradores.

Por contracto celebrado com o Governo da Colonia em Maio de 1921, possue a Companhia, até 1951, o exclusivo da pesquisa e exploração de diamantes em quasi todo o territorio da Provincia, estando-lhe, tambem, reservado o direito de explorar, por tempo ilimitado, todos os «claims» que demarcar até essa data. A parte do territorio de Angola não incluída no actual exclusivo da Companhia foi já por ela anteriormente pesquisada e reconhecida sem valôr sob o ponto de vista de diamantes.

II—Situação, extensão e natureza do campo diamantífero da Lunda

O campo diamantifero da Lunda, situado no extremo nordeste deste districto da Provincia de Angola, pertence á bacia hidrodrafica do rio Cassai e fica compreendido entre os paralelos 7° e 9° Sul e os meridianos 20° e 22° E. Gr.

A area sobre a qual estão disseminados os depositos diaman-

Situação do campo diamantifero da Lunda no Continente Africano

tiferos já reconhecidos é de cêrca de 12.000 Km.^{2}, sendo de esperar que a prospecção sistematica de toda a região venha, de futuro, a provar a existencia de depositos exploraveis em uma area consideravelmente maior.

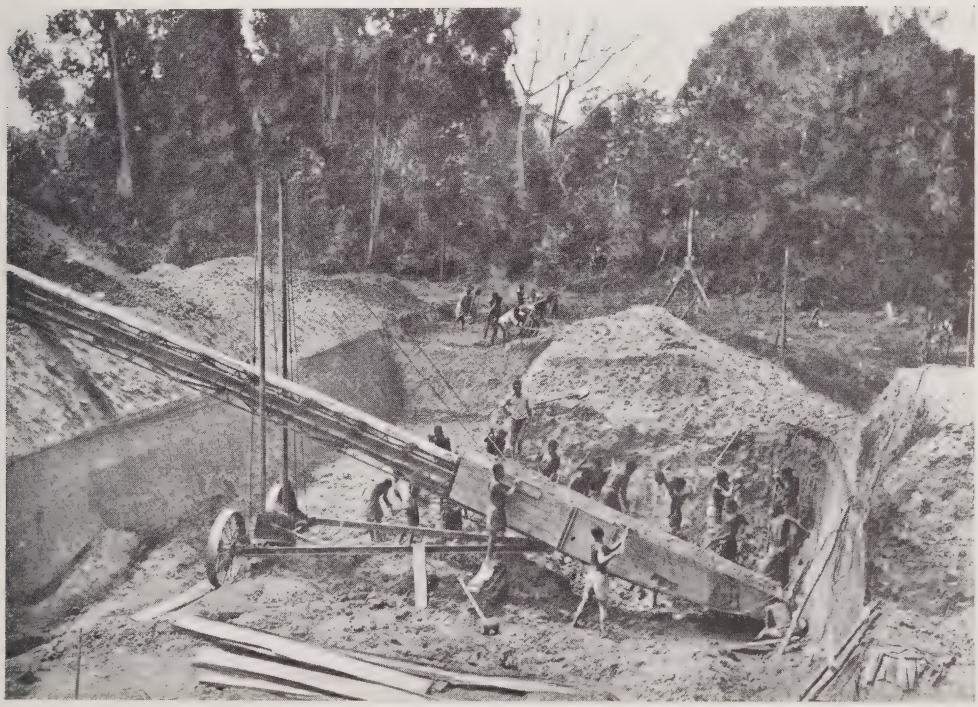
Os depositos até agora reconhecidos são, exclusivamente, de natureza aluvionaria: uns, do tipo «creek», resultantes da acção erosiva dos cursos de agua actuais; outros, do tipo «terrace», de formação mais antiga. Nuns e noutros, a camada de cascalho diamantifero, cuja espessura raras vezes excede um metro, apresenta-se subjacente a uma camada esteril («overburden»), de espessura, em geral, variavel entre 0,5 e 2 metros, mas, por vezes, consideravelmente maior.

O cascalho diamantifero, de teôr, muito variavel de deposito para deposito, oscilando entre uma pequena fracção de quilate e alguns quilates por metro cubico, compõe-se na sua maior parte, de fragmentos de quartzo e suas variedades, contendo, tambem, em relativa abundancia, staurolite, cyanite, ilmenite, turmalina, chrysoberylo, granadas, etc.

III — Trabalhos mineiros realizados. Aperfeiçoamentos sucessivos nos processos de desmonte, transporte e tratamento do cascalho

Os trabalhos relativos á extracção dos diamantes das aluviões da Lunda compreendem três fases principais:

A) — Excavação e remoção do esteril superficial, desmonte do cascalho subjacente e seu transporte até ao local das maquinas;



Remoção do "overburden„ por meio de um transportador mecânico

B) — Tratamento mecânico do cascalho, compreendendo varias classificações e concentrações sucessivas, de que resulta a produção de um concentrado, cujo volume chega a ser inferior a 0,2 °/o do volume do cascalho original, e em que o diamante está já apenas associado aos outros minerais de densidade analoga;

C) — Colheita dos diamantes, feita, á mão, pelos indigenas.

✣

A) — *Desmonte e transporte do cascalho*

A remoção do «overburden», efectuada á pá nos primeiros tempos, faz-se, actualmente, em grande parte das minas, por meio de transportadores mecânicos, accionados a vapôr. O desmonte do cascalho é, em geral, feito á pá e picareta. O seu transporte até ao local das maquinas, feito, nos primeiros tempos, em cestos conduzidos á cabeça pelos indigenas, passou, mais tarde, a ser feito em carrinhos de mão, sendo actualmente efectuado, em quasi todas as minas, por meio de vagonetas rodando sobre carris.

B) — *Tratamento mecânico do cascalho*

Os processos adoptados na Lunda para o tratamento do cascalho teem progredido consideravelmente desde o inicio dos trabalhos, dispondo actualmente a Companhia de material aperfeiçoadissimo, comparavel ao melhor usado pelas outras companhias congéneres. As primeiras explorações foram feitas com material rudimentar, («rocking screens» e «joplin jigs»), o qual, tendo sido substituido, pouco a pouco, por «pans» de 5 pés de diametro, movidos a braço, foi, definitivamente, posto de parte em 1922. Por sua vez, os «pans» manuais de 5 pés, cujo emprego chegou a generalizar-se a todas as minas, foram sendo substituidos por «pans» de igual diametro, movidos a vapor, e, depois, por «pans», tambem a vapôr, de 6 a 8 pés, tendo já deixado de funcionar, em principios de 1928, a ultima instalação manual que ainda restava em laboração.

Por ultimo, alguns dos «pans» de 5 pés, movidos a vapôr, foram substituidos por «pans», de igual diametro, accionados elec-

Um aspecto do desmonte do cascalho

Outro aspecto da mesma operação

Transporte do cascalho até ao local das maquinas

tricamente, tencionando a Companhia ir generalizando, gradualmente, a todas as minas, o emprego das instalações electricas.

Actualmente, possue a Companhia em serviço, distribuidas pelas suas dezanove explorações mineiras em actividade, nove

Material primitivo, para o tratamento do cascalho

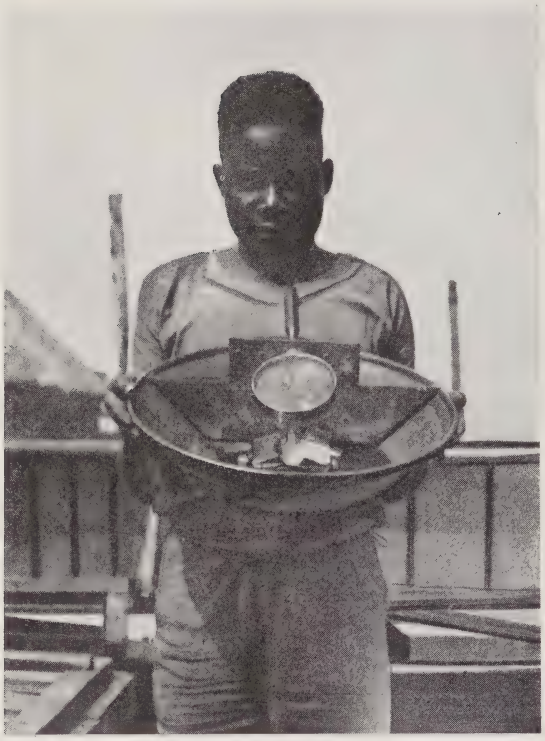
instalações de «pans» de 8 pés, cinco de 6 pés, cinco de 5 pés, todas movidas a vapôr, e três instalações de «pans» de 5 pés, já accionados electricamente. A capacidade de tratamento de todo este material excede 21.000 m. c. de cascalho por mês, esperando a Companhia poder montar, brevemente, novas instalações, que farão elevar essa capacidade global a perto de 25.000 m. c.

Uma das instalações mecânicas mais perfeitas, onde actualmente se faz o tratamento do cascalho

C) – Colheita final dos diamantes

A colheita dos diamantes é feita em recintos isolados e especialmente vedados para esse fim. O concentrado, transportado, em recipientes fechados, desde o local das maquinas até esses recintos, é aí distribuido por pequenas gamelas, munidas de um diafragma com um orificio por onde se faz passar esse producto, o qual é, assim, cuidadosamente examinado, grão a grão, com o auxilio de lupas apropriadas, por indigenas exclusivamente encarregados desse serviço.

Sendo esta operação a unica em que o indigena é posto em contacto directo com o concentrado diamantifero, tem ela sido a que, por parte da Companhia, maiores cuidados tem merecido sob o ponto de vista das precauções adoptadas contra os furtos de pedras. A escolha é, actualmente, feita em quatro estações especiais, localizadas nos quatro grupos de minas em laboração, nas quais os indigenas são permanentemente vigiados durante as horas



Tipo das gamelas usadas para a escolha dos concentrados

de serviço e rigorosamente vistoriados antes da saída; mas passará, muito brevemente, a ser feita em uma unica Estação Central, cuja construção está já quasi concluida, e onde virão a ser tratados os concentrados produzidos em todas as minas em exploração. Nela serão instalados, pelo menos, um separador magnetico, já empregado pela Companhia, com exito, durante mais de dois anos, e uma «grease-table», cuja eficiencia no tratamento dos concentrados da Lunda está, tambem, já averiguada. Essa concentração de serviços, pelo que respeita á colheita final das pedras, permitirá á Companhia, dentro de poucos mêses,

Interior de uma estação de escolha

tornar ainda mais rigorosa a vigilancia já hoje exercida sobre os indigenas encarregados da escolha dos concentrados, e adoptar outras medidas que reduzam a um minimo, praticamente sem importancia, as possibilidades de desvio de pedras das suas explorações.

D) – Desenvolvimento dos trabalhos mineiros

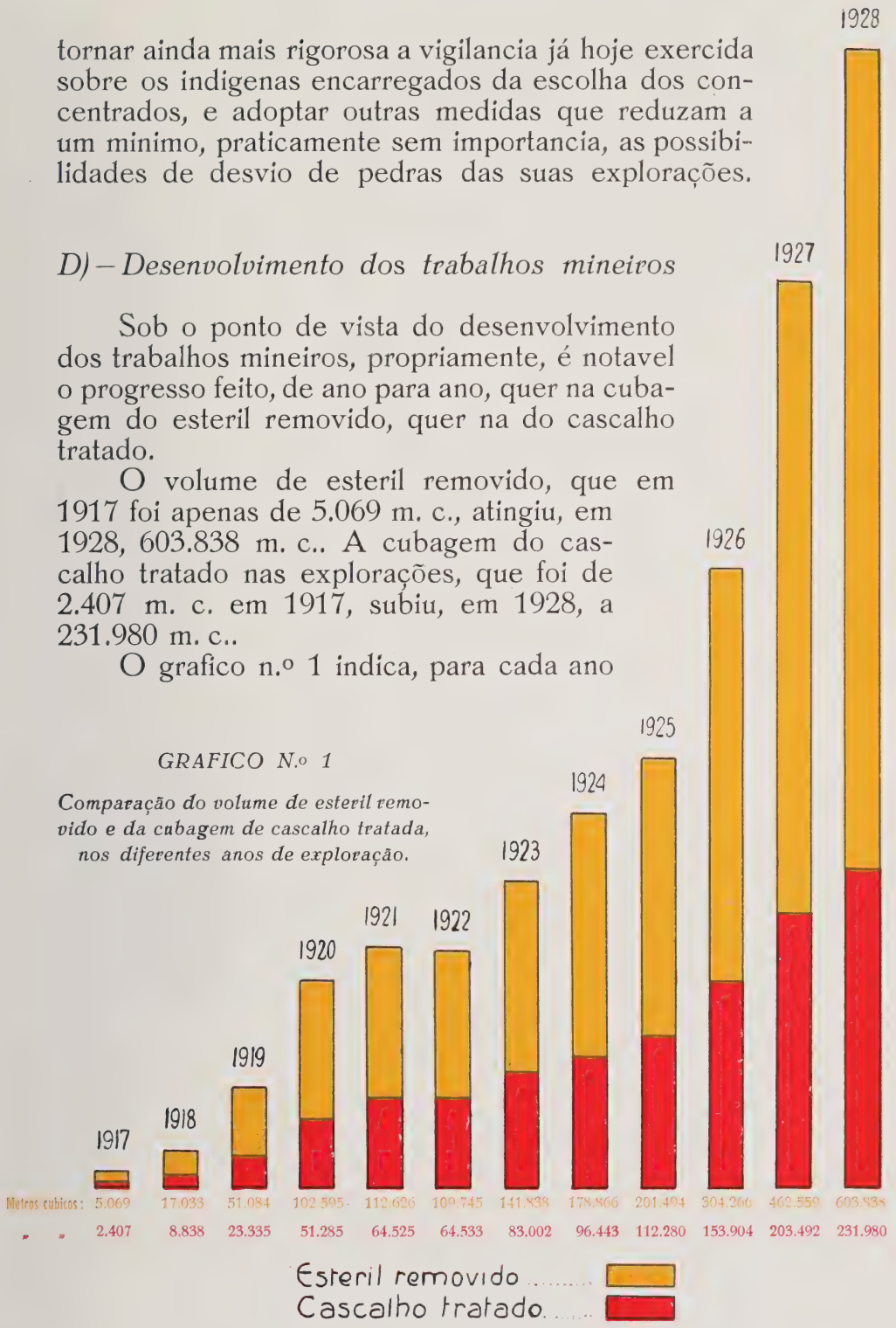
Sob o ponto de vista do desenvolvimento dos trabalhos mineiros, propriamente, é notavel o progresso feito, de ano para ano, quer na cubagem do esteril removido, quer na do cascalho tratado.

O volume de esteril removido, que em 1917 foi apenas de 5.069 m. c., atingiu, em 1928, 603.838 m. c.. A cubagem do cascalho tratado nas explorações, que foi de 2.407 m. c. em 1917, subiu, em 1928, a 231.980 m. c..

O grafico n.º 1 indica, para cada ano

GRAFICO N.º 1

Comparação do volume de esteril removido e da cubagem de cascalho tratada, nos diferentes anos de exploração.



de exploração, a relação entre o volume do cascalho tratado e o do esteril que, para efectuar o seu desmonte, foi necessario remover.

O volume global de esteril removido até ao fim do ano de 1928 foi de 2.291.013 m. c.; e a cubagem global do cascalho tratado, desde o principio das explorações até á mesma data, foi de 1.096.301 m. c.. Considerando em conjuncto as operações mineiras efectuadas pela Companhia na Lunda até essa data, verifica-se, pois, que, por cada metro cubico de cascalho tratado, foi necessario remover cêrca de 2,01 m. c. de esteril.

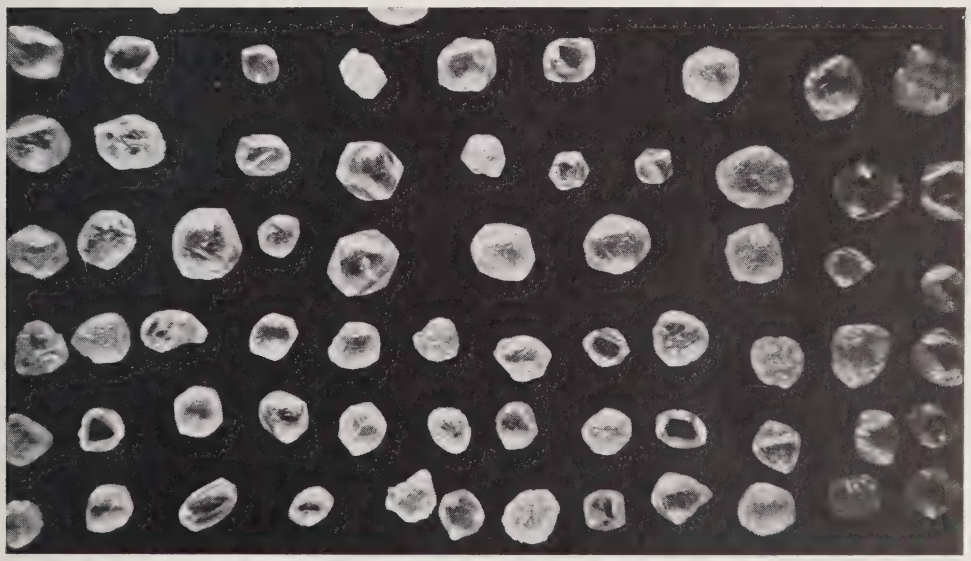
IV—Produção de diamantes da Lunda

A) — Qualidade da produção

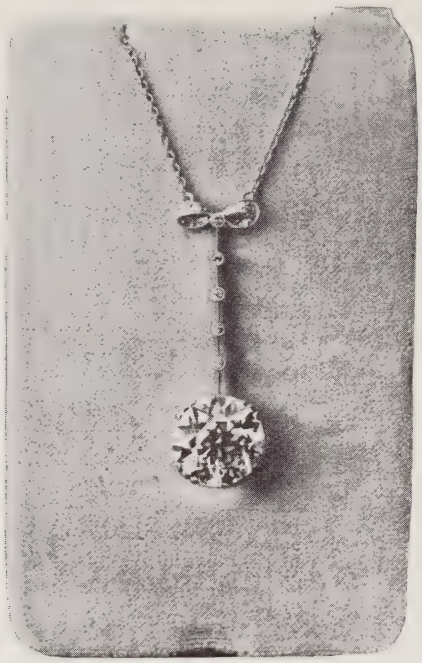
Os diamantes da Lunda apresentam-se, em geral, em cristais bem definidos, predominando a forma octaedrica. Aparecem, porem, tambem, dodecaedros, cubos, tetrahexaedros e trisoctaedros, sendo frequentes as formas geminadas.

As pedras são, na sua maioria, incolores, apresentando-se, porem, por vezes, com uma ligeira coloração amarelo-acastanhada. Algumas pedras são francamente amarelas, acastanhadas ou ligeiramente azuladas, aparecendo, tambem, mas muito raramente, diamantes corados de verde, azul ou vermelho.

Teem sido encontrados na Lunda diamantes de todas as qua-



Diamantes da Lunda



Brilhante de 5 86 quilates, talhado dum diamante da Lunda de 15,30 q. (Tamanho natural)

lidades, sendo relativamente baixa a proporção das qualidades inferiores («boart» e «sand»).

O tamanho medio das pedras extraídas oscila, em geral, entre oito e nove por quilate. A maior pedra colhida até hoje na Lunda pesava 52,20 quilates, mas era de qualidade inferior. Teem-se encontrado, porem, varias pedras de 35 a 40 quilates, e mesmo um pouco mais, de excelente qualidade, rivalizando com os mais belos diamantes de igual tamanho, colhidos em outras regiões diamantiferas.

A pedra mais interessante até hoje colhida na Lunda foi um diamante côr de rosa, que pesava 17 quilates.

B) — Pêso da produção

O pêso da producção anual da Lunda, que em 1917 foi, apenas, de 4.110 quilates, subiu, em 1928, a 237.511 quilates.

O grafico n.° 2 representa a variação, desde 1917 até 1928, do volume do cascalho tratado, anualmente, nas explorações, comparada com a do pêso da produção total. Nêle se nota que, ao passo que nos primeiros anos de exploração a linha representativa da variação das produções obtidas ultrapassa, consideravelmente, a das cubagens tratadas, a partir de 1926, pelo contrario, essas duas linhas quasi coincidem, tendo, mesmo, em 1927, a segunda ultrapassado a primeira, por o teôr medio do cascalho tratado nesse ano ter sido, pela primeira vez desde o inicio dos trabalhos, inferior a 1 q./m.c.. Este facto é devido, não a um empobrecimento constatado nas reservas diamantiferas, mas sim, apenas, a ter-se adoptado, desde o principio de 1926, o sistema chamado de «clean mining», que consiste em explorar todo o cascalho diamantifero existente, desde que seja economicamente exploravel e quer esteja ou não contido nas areas das reservas previamente calculadas, por

forma a efectuar, gradual e metodicamente, o exgotamento total de cada um dos depositos reconhecidos. A produção global do campo diamantifero da Lunda, desde o inicio da exploração até ao fim de 1928, eleva-se a cerca de 1.300.000 quilates.

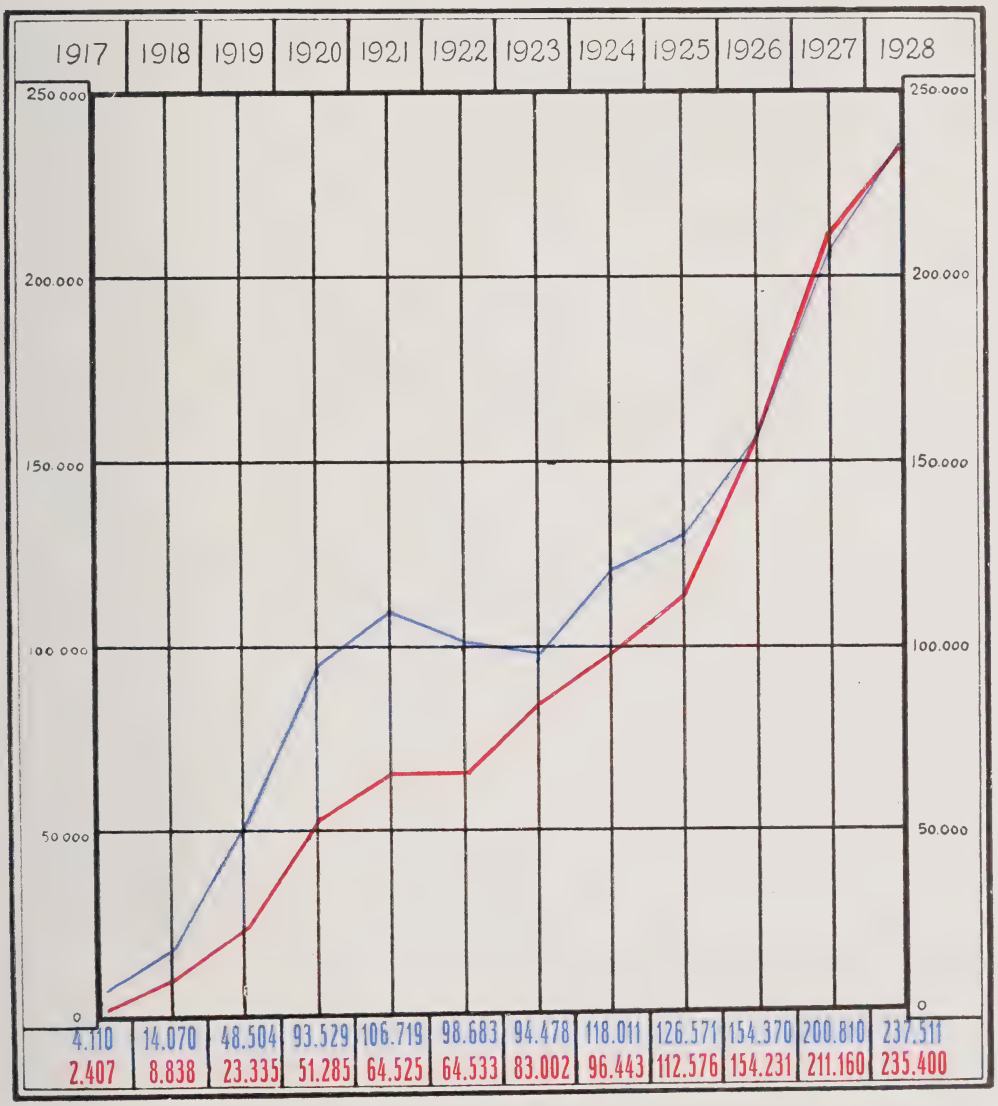


GRAFICO N.º 2

Cubagens tratadas e produções obtidas nos diferentes anos de exploração

C) — Valôr da produção

O valôr da produção, por quilate, tem variado sensivelmente de ano para ano, devido menos á variação da qualidade das pedras extraídas do que ás oscilações dos preços do mercado.

O valôr global realizado pela venda da produção da Lunda, desde o inicio da exploração até ao fim de 1928, foi de cerca de £ 3.600.000.

Desde 1923, a produção da Lunda é integralmente vendida ao

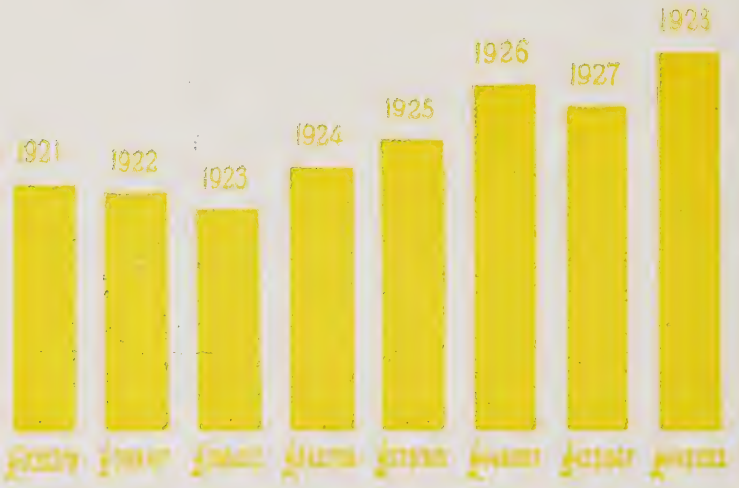


GRAFICO N.º 3

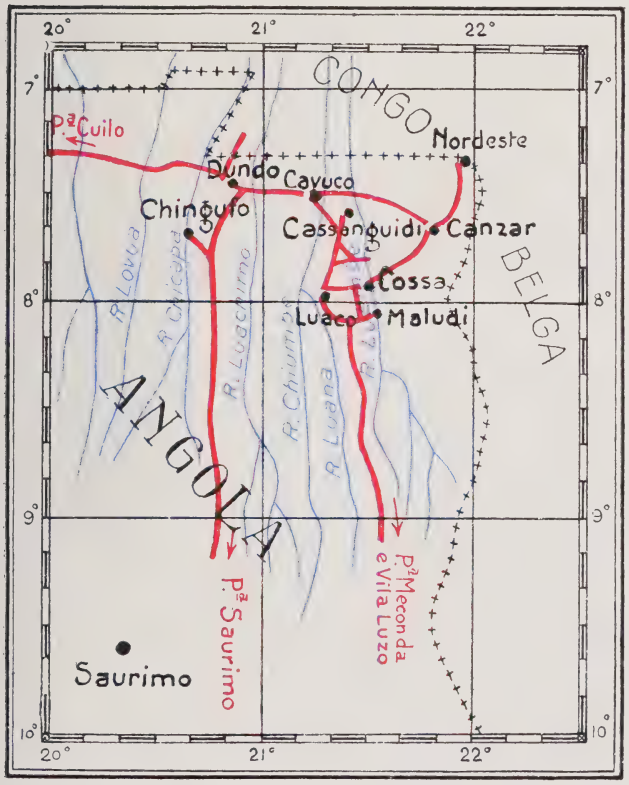
Variação do valôr da produção anual, de 1921 a 1928

Sindicato de Londres, tendo sido celebrado, em fins de 1926, com o grupo «Barnato Brothers», «Dunkelsbuhler & C.º» e «The Anglo American Corporation of South Africa, Limited», um novo contracto, que assegura á Companhia a venda de toda a sua produção, até 31 de Dezembro de 1931.

V—Condições de exploração. Sua evolução

A)—Vias de comunicação

Em 1912, a região diamantifera da Lunda encontrava-se, ainda, no seu estado primitivo: extensas planicies aridas, quasi completamente despovoadas, sem recursos de especie alguma. Mesmo em 1917, já depois das primeiras pesquisas levadas a efeito por Pema, a região não apresentava, ainda, quaisquer inicios de exploração economica. A absoluta falta de vias de comunicação tornou, sobretudo, particularmente dificeis as primeiras operações da Companhia.



Escala aprox.: 1:4.000.000

Croquis da actual rêde de estradas da região diamantifera da Lunda

Foi, com efeito, necessario principiar por abrir as necessarias vias de penetração na região a explorar; e, depois, á medida que as pesquisas íam conduzindo á descoberta de depositos exploraveis, abrir os caminhos de acesso a cada um dêles. Assim, du-

rante os primeiros tempos, teve a Companhia de desviar uma parte importante das suas disponibilidades, em capitais e mão de obra, para a abertura das indispensaveis vias de comunicação, as quais, devido ao excelente serviço de conservação que a Companhia permanentemente mantem, constituem, hoje, na região das minas, uma optima rêde de estradas de cerca de 700 Km. de extensão.

Aspecto tipico das estradas construidas pela Companhia na Lunda

Tipo das jangadas empregadas pela Companhia para a travessia dos rios

B) – Pessoal branco

O numero de agentes brancos empregados pela Companhia na Lunda, que em 1917 foi apenas de 9, em media, subiu a 135, em 1927, tendo depois descido ligeiramente, em 1928, para 130.

Tem a Companhia ao seu serviço agentes belgas, americanos, sul-africanos, russos, norueguêses e de varias outras nacionalidades, sendo, porem, a maioria do pessoal constituida por portuguêses. Os lugares tecnicos estão, ainda, na sua maior parte, ocupados por estrangeiros, devido á falta de tecnicos portuguêses especializados; mas o numero de tecnicos portuguêses ao serviço da Companhia tem sucessivamente aumentado, de ano para ano, sendo, já hoje, portuguêses, não só os chefes de algumas minas em exploração, mas tambem um dos três membros da direcção tecnica local.

O grafico n.° 4 indica a variação registada, de ano para ano, no numero total de agentes brancos empregados pela Companhia na Lunda.

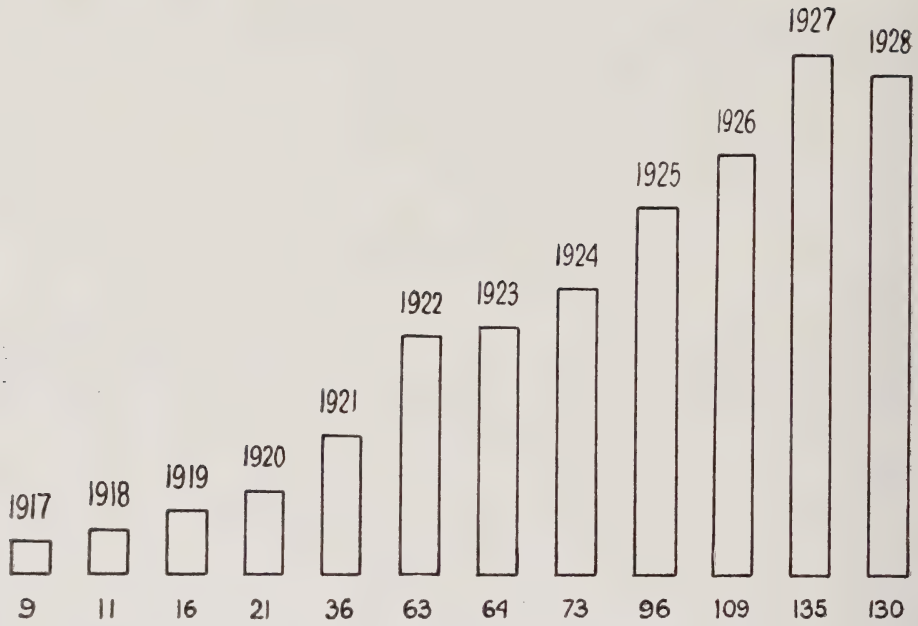
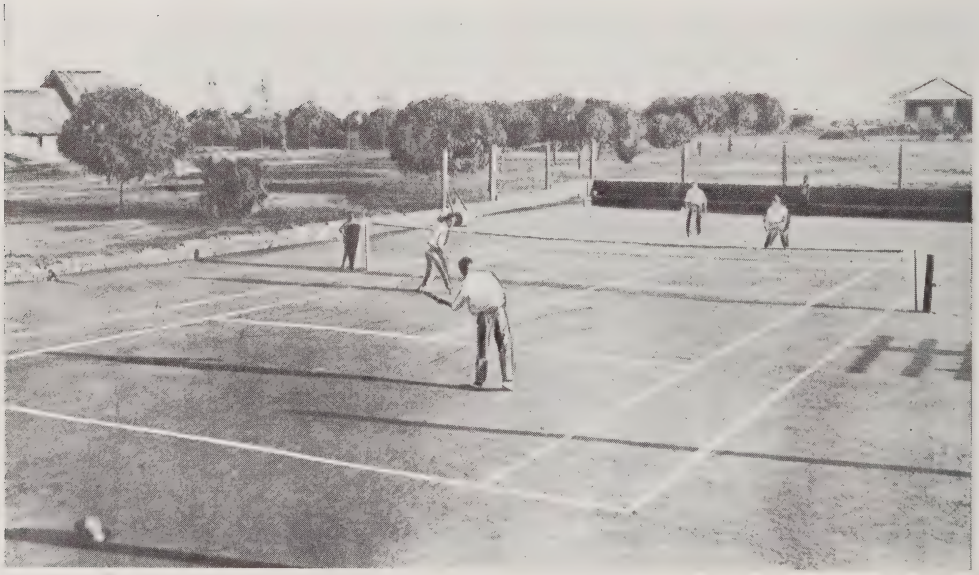


GRAFICO N.º 4

Comparação do numero de agentes brancos ao serviço da Companhia, na Lunda, nos diferentes anos de exploração



Um dos "courts„ de "tennis„ que a Companhia preparou, no Dundo, para recreio dos seus agentes

C)—Mão de obra

A população da Lunda, nos primeiros anos ainda hostil ao contacto com o branco, e, de resto, escassa e sem quaisquer habitos de trabalho, não permitia o recrutamento da grande quantidade de mão de obra que, logo de inicio, se reconheceu ser

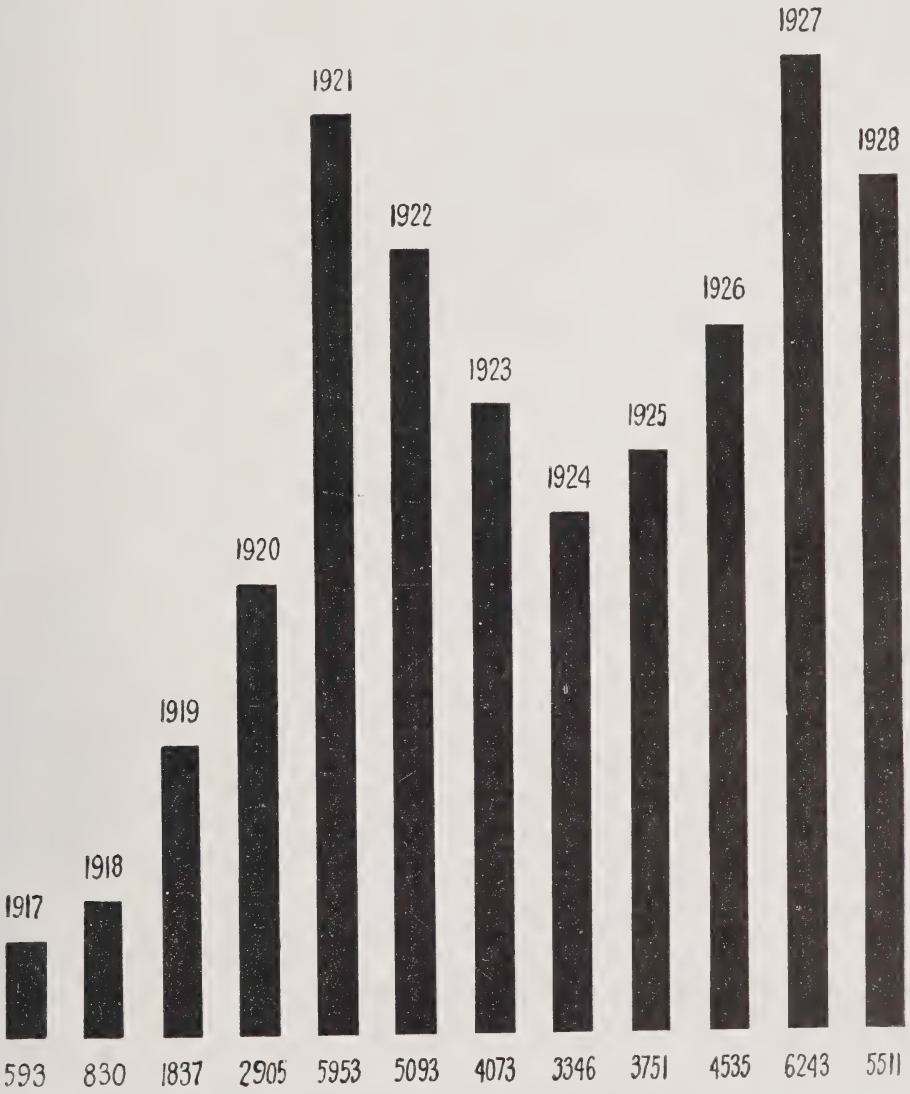


GRAFICO N.º 5

Comparação do numero medio de indigenas ao serviço da Companhia, na Lunda, nos diferentes anos de exploração

Nos domingos e dias feriados, os indigenas ao serviço da Companhia executam alegremente as suas danças caracteristicas

indispensavel para o desenvolvimento das operações. Foi, porisso, necessario montar, em regiões mais populosas de Angola, distantes de alguns centos de kilometros da região diamantifera, serviços especiais de recrutamento.

Desta origem obteve a Companhia, nos primeiros tempos, a quasi totalidade da mão de obra necessaria aos seus trabalhos; mas, devido ao excelente tratamento proporcionado pela Companhia ao seu pessoal, tratamento que, por tradição, foi chegando, pouco a pouco, ao conhecimento dos habitantes das mais remotas aldeias, tanto da Lunda como dos districtos limitrofes, o numero dos indigenas que se apresentavam voluntariamente para trabalhar nas explorações foi sucessivamente crescendo, até que, actualmente, a maior parte da mão de obra ao serviço da Companhia é já constituida por voluntarios.

O numero de trabalhadores indigenas ao serviço da Companhia, que em 1917 foi, apenas, em media, de 593, elevou-se, em 1927, a 6.243, tendo sido reduzido, para 5.511, em 1928. O grafico n.° 5 indica as variações registadas, de ano para ano, no numero total de trabalhadores indigenas empregados pela Companhia na Lunda.

O numero de metros cubicos de cascalho tratados, em media,

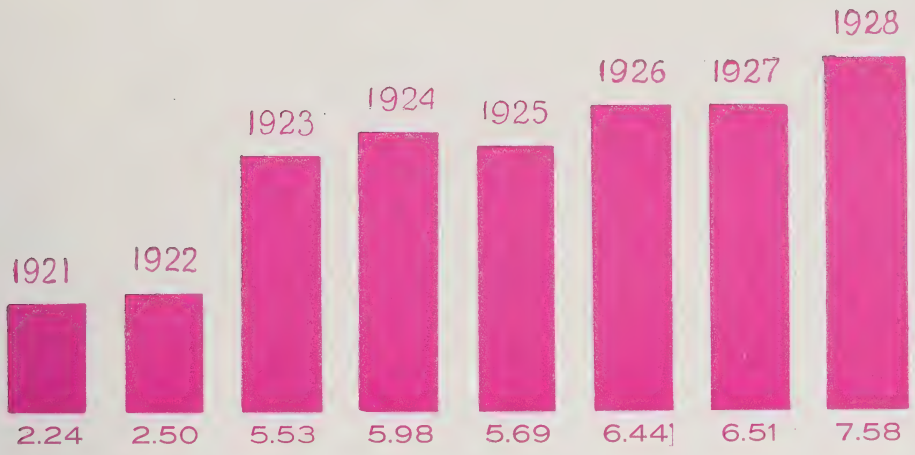


GRAFICO N.º 6

Variação do rendimento medio da mão de obra, de 1921 a 1928, expresso em m. c. de cascalho tratado mensalmente por cada trabalhador indigena

por cada indigena ao serviço das minas, tem sucessivamente aumentado, devido não só á evolução dos processos de tratamento do cascalho, mas tambem aos aperfeiçoamentos adoptados na

Grupo de mulheres e filhos de trabalhadores indigenas ao serviço da Companhia, durante uma festa realizada no Dundo

Uma das 250 familias da região do Bié, que a Companhia instalou recentemente na Lunda

organização dos serviços, no sentido do melhor aproveitamento da mão de obra. O grafico n.° 6 indica os progressos realizados, sob este ponto de vista, a partir de 1921, primeiro ano em que a organização dos serviços permitiu o calculo, com suficiente rigôr, do numero de metros cubicos de cascalho tratados, em media, mensalmente, por cada indigena ao serviço das explorações.

Para poder ir reduzindo, cada vez mais, os contingentes de trabalhadores a contractar em outros districtos, e se encontrar, dentro de poucos anos, em condições de os dispensar completamente, tem a Companhia promovido, ela propria, a colonização da Lunda, contractando em outras regiões, e transportando para ali, numerosas familias indigenas. Nessa orientação, contractou a Companhia, ultimamente, na região do Bié, 250 familias, ás quais, uma vez chegadas á região das minas, foram proporcionadas todas as facilidades no sentido da sua adaptação ás novas condições de vida, fornecendo-lhes a Companhia alojamento, alimentação, assistencia medica e medicamentos, material e sementes para a cultura da terra, etc., cativando-as assim, por todas as formas, no sentido de consolidar a sua voluntaria fixação.

D) — Alimentação indigena

A quasi absoluta falta de viveres para a alimentação indigena foi, nos primeiros tempos, uma das grandes dificuldades a vencer.

Tendo de operar em uma região inculta, onde as raras e deficientissimas culturas indigenas nada representavam, praticamente, como recurso para a acquisição de generos, a Companhia teve, por isso, desde o principio dos seus trabalhos, de efectuar largas plantações de mandioca, que depois foi sucessivamente ampliando á medida que o desenvolvimento sempre crescente das operações ía obrigando a aumentar os efectivos de trabalhadores ao serviço. Mas, reconhecendo, logo de inicio, os inconvenientes economicos de manter, ela propria, uma exploração agricola em tão grande escala, foi a Companhia, pouco a pouco, incutindo no indigena o habito da cultura da terra, estimulando-o, constantemente, com a compra dos seus productos a preços remuneradores, mesmo quando a necessidade desses productos se não fazia sentir; e tanto exito ela obteve com a persistencia dessa orientacão que, actualmente, a maior parte dos viveres consumidos é já adquirida por compra aos indigenas nas regiões das minas, em condições muito mais economicas do que o seria por exploração directa da Com-

Pães de fuba de mandioca, para a ração do meio dia

Preparação da ração de carne, distribuida diariamente aos trabalhadores indigenas, juntamente com o caldo resultante da cosedura

panhia, sendo de esperar que, num futuro muito proximo, o abastecimento de viveres indigenas, pelo que respeita a productos agricolas, venha a ser quasi exclusivamente feito com generos daquela

Indigenas expondo os seus productos agricolas para vender á Companhia

Embalagens dos productos indigenas vendidos á Companhia

origem. A produção anual das explorações agricolas da região diamantifera da Lunda, praticamente nula em 1917, excede, já hoje, 1.500 toneladas.

O grafico n.º 7, que indica, por periodos de seis meses, a variação da tonelagem de viveres indigenas adquiridos por compra, nas regiões das minas, põe em evidencia o crescente desenvolvimento dos mercados indigenas, desde o segundo semestre de 1926, em que principiaram a fazer sentir-se os resultados da orientação, atraz indicada, seguida pela Companhia.

Ultimamente, tendo os mercados indigenas já tomado, com caracter definitivo, o desenvolvimento necessario para, de futuro, poderem fornecer a quasi totalidade dos productos agricolas consumidos pela Companhia, esta reduziu, momentaneamente, as suas compras de generos, a fim de aproveitar os productos das ultimas colheitas das suas proprias plantações. Mas, passado este periodo transitorio, o abaste-

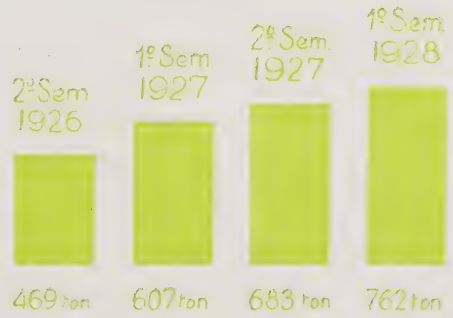


GRAFICO N.º 7

Desenvolvimento dos mercados indigenas

Vendedeiras de viveres indigenas

cimento dos viveres indigenas passará a ser feito, quasi exclusivamente, por aquêles mercados.

No sentido de desenvolver e aperfeiçoar, sucessivamente, a cultura pelos indigenas dos generos de que necessita, tem-lhes a Companhia facultado sementes seleccionadas e o necessario material agricola, e ensinado os melhores metodos a seguir na cultura da terra de forma a obterem o melhor rendimento.

E)—Plantações

As plantações de mandioca que a Companhia teve de efectuar, e que ainda actualmente mantem, em parte, para assegurar a alimentação do seu pessoal indigena, chegaram a atingir uma area superior a 2.000 hectares. Os aumentos sucessivos da quantidade de mandioca oferecida á venda pelos indigenas permitiu, porem, á Companhia reduzir sucessivamente as plantações desse tuberculo, cuja area total, apesar disso, ainda excede 1.000 hectares. A fim de poder variar os componentes vegetais das rações a dar aos seus trabalhadores, iniciou a Companhia, em diferentes pontos da região das minas, outras culturas, tais como a de palmeiras de azeite, bananeiras, papaias,

Uma das actuais plantações da Companhia, no Dundo

ananazes, etc., contando-se, já hoje, por alguns milhares o numero de plantas de cada uma dessas especies, existentes nos quatro grandes centros de exploração agricola da Companhia na Lunda.

Outro aspecto das plantações da Companhia

F) — Gado

Ainda para a alimentação, tanto do pessoal branco como dos trabalhadores indigenas, para os transportes que não são efectuados em veículos automoveis e, ainda, para os seus serviços agricolas, necessita a Companhia manter, permanentemente, na Lunda, grande numero de cabeças de gado bovino.

Nos primeiros tempos, varias epidemias, que frequentemente grassavam entre o gado, conjugadas com a falta de pastos na epoca sêca, causaram uma elevadissima mortalidade, dando origem a importantes perdas para a Companhia. Actualmente, porem, o emprego de vacinas apropriadas e varias outras medidas profilaticas adoptadas permitem que o gado se mantenha em condições que podem já considerar-se satisfatorias, sendo de esperar, ainda, que a situação sanitaria melhore consideravelmente, de futuro, em resultado da creação, que actualmente está sendo ensaiada, de prados artificiais.

O consumo anual de gado de talho anda por 3.000 cabeças, que a Companhia adquire, na sua totalidade, em Angola, a outros creadores, por ter reconhecido ser este sistema preferivel ao de crear ela propria todo o gado de que necessita para aquêles fins.

O gado empregado em transportes anda por 1.500 cabeças.

Uma manada de gado pertencente à Companhia

Silos para a conservação de alimento para o gado na epoca sêca

G)—Edificações. Alojamentos para o pessoal.

Nos primeiros anos de exploração, a falta de alojamentos, tanto para o pessoal branco como para os trabalhadores indigenas, obrigou a Companhia a empregar na construção de edificios e no

Vista geral dum dos postos estabelecidos pela Companhia junto das suas explorações mineiras

Casa construida pela Companhia, em Saurimo

estabelecimento de aldeias indigenas, uma grande parte das suas disponibilidades de mão de obra. E, ainda hoje, cêrca de 5 % dos efectivos de trabalhadores ao serviço são permanentemente empre-

Residencia de um alto funcionario da Companhia, na Lunda

Tipo de casa de habitação para agentes brancos

Uma das aldeias construidas pela Companhia para alojamento dos seus trabalhadores

gados, quer na conservação e ampliação dos edificios já existentes, quer na construção de novos edificios que o desenvolvimento das operações vai sucessivamente tornando necessarios.

Em todos os centros de exploração, possue a Companhia, actualmente, alem de bôas casas de habitação para os seus agentes brancos, amplas aldeias, expressamente por ela construidas, segundo os melhores preceitos higienicos, para alojamento dos seus trabalhadores indigenas, as quais são mantidas no mais escrupuloso aceio. E no Dundo, onde existem as mais importantes edificações construidas pela Companhia, alem das aldeias indigenas e de numerosas casas de habitação para brancos, algumas das quais com pequenos jardins anexos, ha numerosos escritorios, armazens, oficinas excelentemente montadas, com tornos e serras mecânicas, casas de venda, garages, hospitais, dispensarios, uma farmacia, uma estação telegrafo-postal e outra de T. S. F., uma instalação frigorifica, etc., constituindo, em conjunto, uma interessante povoação de excelente aspecto, construida nas melhores condições higieni-

Escola-oficina para indigenas, construida pela Companhia no Dundo

cas e iluminada a luz electrica, onde o pessoal vive, em suma, com todas as comodidades possiveis em uma região tão afastada dos grandes centros de civilização como é a Lunda.

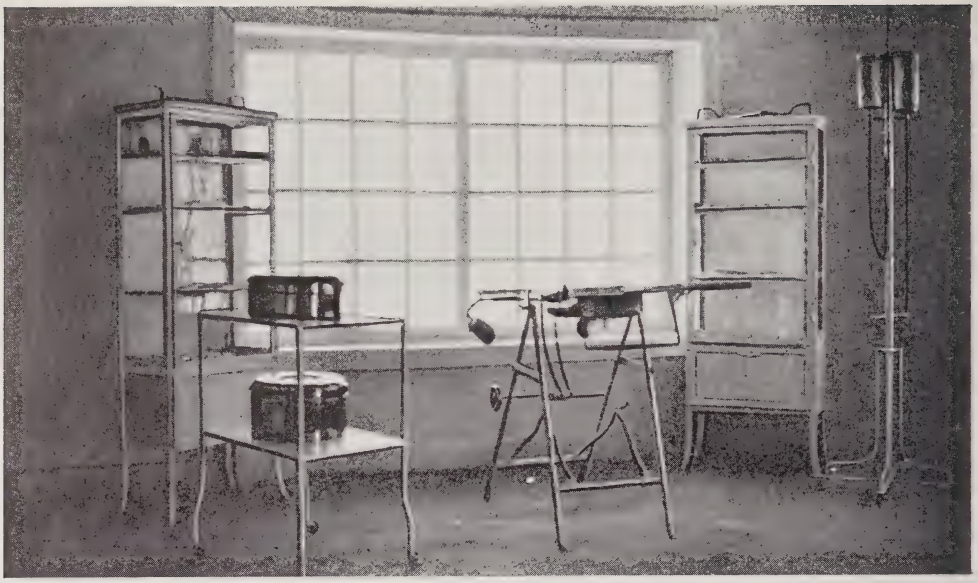
H) — Condições sanitarias

O clima da Lunda, embora humido e relativamente quente, não é insalubre, sendo muito diminuto o numero medio de dias de

Hospital para brancos, no Dundo

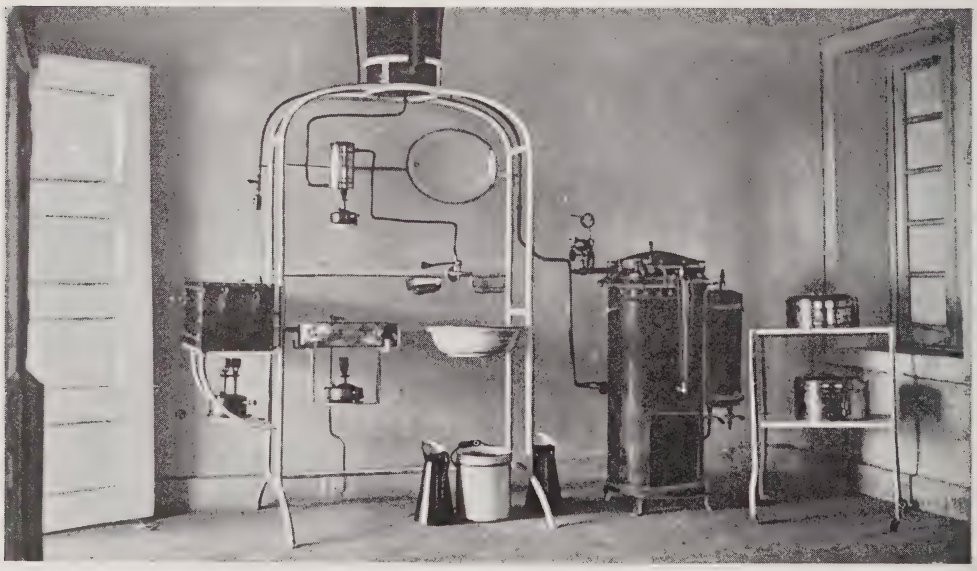
trabalho perdidos pelo pessoal branco ao serviço da Companhia, por motivo de doença.

Sob o ponto de vista de recursos sanitarios, encontra-se a Lunda, graças á Companhia de Diamantes, em condições que não sofrem comparação com as de qualquer outra região do interior da colonia. No Dundo, séde local das explorações, alem de um amplo hospital para indigenas e de um bom dispensario, ha um hospital para brancos, excelentemente montado com aperfeiçoado material cirurgico, onde em breve funcionará uma instalação para investigações radiograficas; e, independentemente de numerosos postos de socorro espalhados pelas diferentes minas, existem, distribuidos pelos varios grupos de explorações, mais cinco hospitais indigenas, comportando, ao todo, algumas centenas de doentes, onde são tratados e hospitalizados, não só os trabalhadores empregados da Companhia, mas tambem numerosos indigenas estranhos ao seu serviço, aos quais são prestados, igualmente, todos os cuidados de



Sala de operações do Hospital do Dundo

assistencia e hospitalização de que carecem. O numero de tratamentos feitos nos postos e dispensarios da Companhia, a indigenas estranhos ao seu serviço, conta-se, anualmente, por alguns milha-



Sala de esterilizações do mesmo hospital

res, sendo tambem consideravel o numero de hospitalizações prestadas a esses indigenas.

Para maior eficiencia dos serviços de saude, estão as explorações divididas em doís grandes grupos: o ocidental, com séde no Dundo, e o oriental, com séde no Luaco. A assistencia é prestada, actualmente, por três medicos e sete enfermeiros, todos de nacionalidade portuguesa. O numero de enfermeiros brancos, que chegou a ser de onze, foi, ultimamente, reduzido, por ter sido possivel substituir alguns dos antigos enfermeiros brancos por indigenas, os quais, depois de convenientemente ensinados, e com alguns meses

Hospital Indigena do Dundo

de pratica, se adaptam muito satisfatoriamente a esse serviço. É já hoje de cerca de 20 o numero de indigenas especializados que a Companhia emprega nos serviços de enfermagem.

Ainda no capitulo de assistencia sanitaria, prestou a Companhia um altissimo serviço á região onde exerce a sua actividade, efectuando o seu reconhecimento sob o ponto de vista da «doença do sono», levado a efeito por uma missão especial, chefiada por um medico, que, durante mais de um ano, a percorreu em todas as direcções. Embora esse reconhecimento, durante o qual foram inspeccionados alguns milhares de indigenas, tivesse provado que

Vista geral do hospital indigena de Maludi, séde de um dos mais importantes grupos de explorações da Lunda

a Lunda está, praticamente, isenta de tripanosados, foram efectuadas numerosas vacinações preventivas e adoptadas as necessarias medidas profilacticas contra o desenvolvimento dessa doença.

Posto de socorro em uma das explorações

Enfermarias indigenas

Num grafico publicado no «Boletim da Assistencia Medica aos Indigenas e da luta contra a Doença do Sono», relativo a Dezembro de 1928, em que se compara o desenvolvimento que atingiu a asssistencia indigena, durante os primeiros dez meses desse ano, nos diferentes districtos da Provincia, põe-se bem em evidencia o facto de ser a Lunda aquêle em que esse desenvolvimento tomou maiores proporções, o que, na quasi totalidade, se deve á acção exercida, sob este ponto de vista, pela Companhia de Diamantes de Angola.

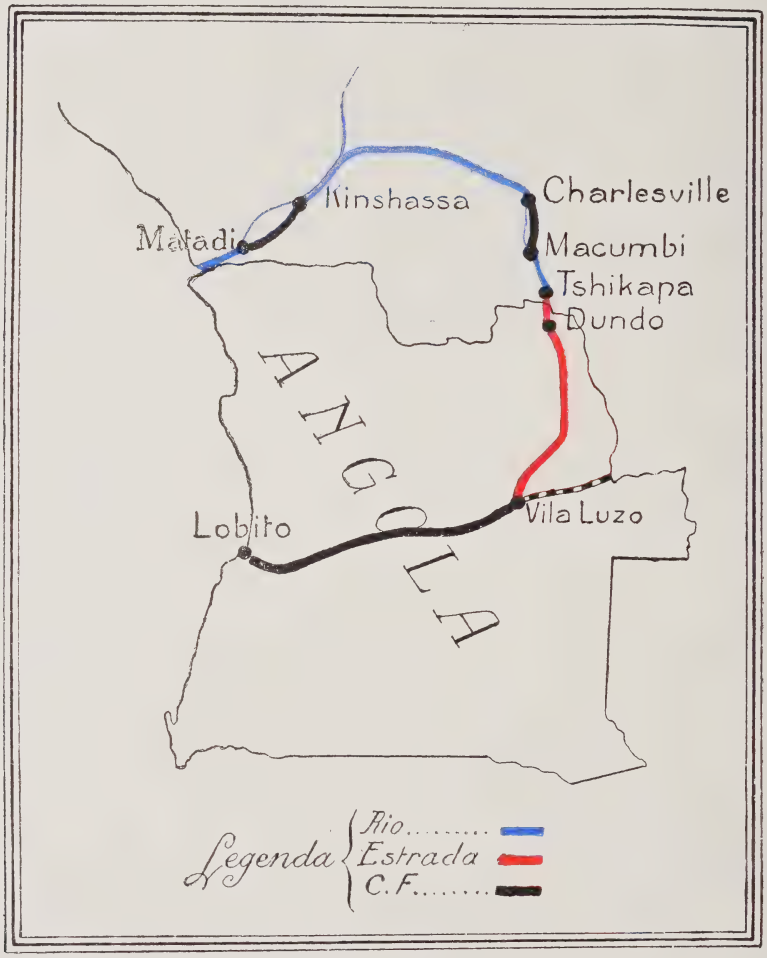
I) — Transportes

Anda por 80 toneladas a carga total que, em media, a actividade da Companhia obriga a transportar da Europa, mensalmente, para a Lunda. Esse transporte faz-se ou via-Congo Belga ou via-Angola.

Pela via-Congo Belga, as mercadorias desembarcam em Matadi; seguem,

Outro aspecto das mesmas enfermarias

depois, em caminho de ferro, até Kinshassa; em barcos, pelo Zaire e Kassai, de Kinshassa a Charlesville; em caminho de ferro, de Charlesville a Macumbi; novamente por via fluvial, aproveitando o Kassai, de Macumbi a Tshikapa; e, finalmente, em carros de



Croquis das vias de acesso á região diamantifera da Lunda

bois ou em camions, de Tshikapa até ao Dundo. Pela via-Angola, as mercadorias são transportadas, em caminho de ferro, do Lobito até Vila Luzo, e daqui, em camionetes, até á região das minas. De princípio usava-se, exclusivamente, a via-Congo Belga, quando

Carro boer, transportando para a Lunda oleo de palma adquirido no Sul de Angola

os transportes por Angola não podiam ainda ser efectuados em condições satisfatorias; actualmente, porem, devido ao prolongamento do Caminho de Ferro de Benguela e á abertura, já con-

Um dos camions de carga, utilizados pela Companhia nos seus transportes internos, guiado por um chauffeur indigena

cluida, de uma estrada ligando Vila Luzo á região das minas, a via-Angola está sendo usada, de preferencia, para uma grande parte das importações.

Alem das mercadorias vindas da Europa, são transportadas para a região das minas varias mercadorias, provenientes, na sua quasi totalidade, de diversos pontos de Angola, as quais, com as primeiras, perfazem um total de 1.200 toneladas, recebidas, em media, anualmente, no Dundo.

Os transportes entre os diferentes centros de exploração na Lunda, a principio feitos por meio de carregadores ou em carros de bois, são efectuados hoje, quasi exclusivamente, em automoveis e camions.

Dispõe, para isso, a Companhia, alem de numerosos carros de tipo boer aperfeiçoado, utilizados, principalmente, para o transporte de grandes peças de material pesado, de 15 automoveis

Alguns dos camions da Companhia, junto da garage do Dundo

para serviços diversos e de 17 camions de carga, transportando estes ultimos, mensalmente, em media, mais de cincoenta toneladas de carga, entre o Dundo e os diferentes grupos de explorações.

J)—Recursos florestais

O desenvolvimento das operações mineiras na Lunda tem obrigado a utilizar quantidades consideraveis de lenha e de madeira para construcções. A fim de suprir a reducção causada

Corte de madeira para construções

nos recursos florestais da região das minas por essas exigencias, está a Companhia efectuando o seu repovoamento florestal, com especies arboreas cuidadosamente escolhidas.

K)—Energia hidro-electrica

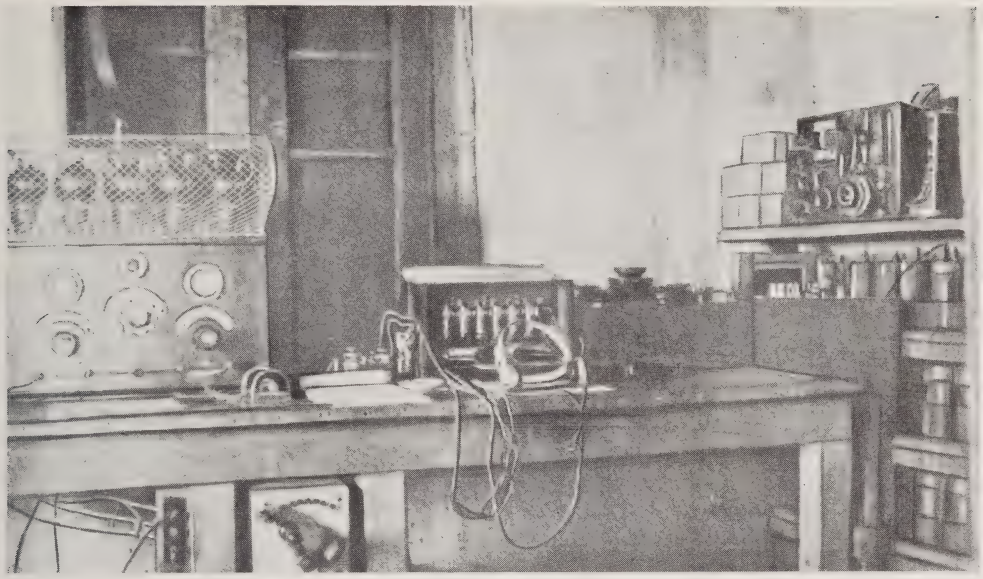
Foi efectuado pela Companhia, proximo do Dundo, um aproveitamento hidro-electrico, que fornece a energia necessaria para o abastecimento de força motriz a todas as suas oficinas ali existentes e para a iluminação de todos os edificios situados na area desse posto; e estão já sendo realizados os estudos preparatorios para levar a efeito aproveitamentos analogos, nas proximidades de outros centros de exploração.

Aspecto do rio Dundundo, proximo do local da estação hidro-electrica

L)—T. S. F.

Tendo em vista o estabelecimento de comunicações rapidas com as estações radio-telegraficas de Angola e do Congo Belga, instalou a Companhia, no Dundo, um posto de telegrafia e tele-

Aspecto exterior do posto de T. S. F. do Dundo



Interior do posto de T. S. F. do Dundo

fonia sem fios, dotado de material de recepção e transmissão. Esse posto foi, mais tarde, entregue ao Estado, que actualmente faz a sua exploração.

VI — Contribuição da Companhia de Diamantes para a economia geral de Angola

Até hoje, as quantias entregues pela Companhia de Diamantes ao Governo de Angola, em cumprimento das disposições contractuais, incluindo dividendos, participações de lucros e emprestimos, foi de £ 989.027.7.11.

No corrente ano subirá, por certo, acima de um milhão de libras a importancia com que, no curto espaço de nove anos, a Companhia de Diamantes de Angola terá contribuido para as receitas gerais da Colonia. Nenhuma outra empreza instalada no Ultramar Português e associada ao Estado se lhe pode comparar, neste capitulo.

Este auxilio financeiro é, apenas, uma das muito variadas formas por que a economia da Provincia tem aproveitado da actividade da Companhia de Diamantes de Angola. Com efeito, a profunda transformação operada nas condições economicas da Lunda, devida exclusivamente á acção da Companhia, representa uma inestimavel valorização dessa parte do territorio da Provincia, valorização que muito importa, só por si, á economia geral da Colonia, e nela se fará sentir cada vez mais acentuadamente; e, por outro lado, o valôr global das mercadorias adquiridas na Provincia, dos transportes, pagamentos de salarios e muitas outras despesas nela efectuadas é tão elevado, que, se juntarmos aos dividendos, participações e emprestimos acima referidos, todas as importancias dispendidas pela Companhia em Africa, se verifica que ela tem posto, nos ultimos anos, á disposicão da economia de Angola, cerca de 40 % do valôr da sua produção.

As pesquizas feitas pela Companhia, em todo o territorio da sua concessão, permitiram reconhecer, alem do campo diamantifero da Lunda, mais outros dois, cuja explorabilidade economica não

está ainda averiguada. Mas, ainda que esses dois outros campos diamantiferos venham a ser reconhecidos como insusceptiveis de exploração economica, só as reservas a explorar na Lunda, ainda não medidas rigorosamente, na sua totalidade, mas já computadas, «grosso-modo», em cerca de dez milhões de quilates, bastarão para assegurar a exploração durante algumas dezenas de anos, com uma producção media anual de duzentos e cincoenta a trezentos mil quilates.

Pode, pois, afirmar-se que a Companhia de Diamantes de Angola é hoje a primeira empreza colonial portuguesa, tanto pelo valôr da sua producção, como pela importancia da sua contribuição para as receitas da colonia onde trabalha.

bex